

**A INCERTEZA DE COLOMBO
EM OPERETTE MORALI, DE GIACOMO LEOPARDI**

Gisele Batista da Silva (UFRJ)

gisabats@gmail.com

La varietà è tanto nemica della noia che anche la stessa varietà della noia è un rimedio o un alleviamento di essa, come vediamo tutto giorno nelle persone di mondo. All'opposto la continuità è così amica della noia che anche la continuità della stessa varietà annoia sommamente, come nelle dette persone, e in chicchessia, e, per portare un esempio, ne' viaggiatori avvezzi a mutar sempre luogo e oggetti e compagni e alla continua novità, i quali non è dubbio che dopo un certo non lungo tempo, non desiderino una vita uniforme, appunto per variare, colla uniformità dopo la continua varietà.

(Giacomo Leopardi, *Zibaldone di Pensieri*, frag. 51)

Viagem, palavra que parece muito distante do universo leopardiano, tendo em vista os raros deslocamentos físicos que Leopardi realizou em vida, ganha importante e especial significado quando percebida sua presença em sua produção intelectual. Não por acaso este tema está presente, não apenas nas reflexões de seu *Zibaldone di pensieri* – como mostra o trecho que inicia este estudo –, mas, sobretudo, no pensamento leopardiano, isto é, em uma filosofia que passa a compreender o estar no mundo do homem como constante exercício de busca do próprio conhecimento, da própria felicidade. Muitos são os obstáculos que se colocam diante dele, que procuram impedi-lo e atrasar o encontro com sua bem-aventurança, mas talvez nenhum seja mais percuciente do que a *noia* e a *assuefazione* – o tédio e o vício de uma vida sem sentido. No trecho de *Zibaldone*, variedade, continuidade e uniformidade ganham estatutos muito semelhantes, pois a efemeridade de sua existência coloca os viajantes em constante angústia, ora buscando a multiplicidade e a diversidade, ora a constância e a permanência.

Sentado à biblioteca, as viagens “imaginárias” de Leopardi levariam-no a diferentes lugares: o eu poético para além da *siepe*, para o horizonte do infinito; o cansativo caminho do pastor errante; a fuga do islandês e, finalmente, a navegação de Colombo – todas essas “viagens” re-

presentaram uma irreprimível necessidade de escapar do próprio sentimento angustiante e doloroso da vida provado pelo poeta italiano.

O longo *Zibaldone di pensieri*, embora contenha fragmentos em que viagem e viajantes são convocados a povoar e compor as reflexões de Giacomo Leopardi, não foi o local onde o poeta italiano mais tratou sobre esse tema. As *Operette morali* ganham na quantidade e na consistência do discurso – *La scommessa di Prometeo*, *Il dialogo della Natura e di un Islandese*, *Dialogo di Cristoforo Colombo e Pietro Gutierrez*, *Elogio degli uccelli*, quatro textos em que o tema da viagem aparece explicitamente e, contrariamente do que sua dinâmica intrínseca pudesse sugerir, traz um Leopardi arraigado às origens de um pensamento fisicamente estático, mas imaginativamente deslocador e cético. Embora todos os textos tenham diferentes particularidades sobre o tema da viagem, privilegiar-se-á o *Dialogo di Cristoforo Colombo e Pietro Gutierrez*, pois neste texto Leopardi foi capaz de romper com o maior paradigma existente sobre o tema da viagem de descobrimento: a dúvida e a imaginação (em contraste com a certeza e a razão) tornam-se, nessa nova visão, as atividades propulsoras de um percurso sem fim, capaz de levar o homem a metas jamais pensadas, isto é, ao conhecimento de si próprio. Nesse percurso, nenhum planejamento, nenhuma convicção é tida como certeza, mas apenas como possibilidade. Tal característica do texto leopardiano lembra a viagem por mar empreendida pelo filósofo alemão Herder:

Fazer-se ao mar significou para Herder trocar de elemento vital: o firme contra o fluido, o certo pelo duvidoso; significou ganhar distância e amplitude. Também o *pathos* de um novo começo estava dentro disso. Uma experiência de conversão, uma volta para dentro (...) o descobrimento da verdadeira natureza sob a crosta da civilização. (SAFRANSKI, 2010, p. 21)

Leopardi parece ter compartilhado, intelectualmente, das motivações para a viagem de Herder, que remontam às considerações rousseauianas, para quem descobrir o mundo era descobrir a natureza. O movimento de “ver o mundo” significava confrontar-se consigo mesmo, em um movimento de autodescoberta por meio do encontro com o desconhecido – ir para longe denotava criar um “novo mundo”, imaginativamente. Curiosamente, Leopardi e Herder aquinhoavam outra importante característica: natureza, para ambos os intelectuais, abrangia o elemento criativo, ao qual o homem se abria sem reservas, mas também compreendia o sinistro, o pavoroso, que anunciava um mal – de fato, tal contradição compunha a única relação existente e necessária entre homem e natureza para Leopardi.

O diálogo¹ em questão se dá entre um grande e conhecido viajante – Cristóvão Colombo² – e um cortesão de Ferdinando II, “incumbido de armar estrados para El-Rei” (COLOMBO, 1998, p.43), espécie de guardião do quarto do rei, que havia insistido em seguir viagem com o navegador. Embora tenha escolhido um personagem famoso e tido como um “grande descobridor”, não interessava a Leopardi narrar seus feitos, mas, como veremos, apontar traços da personalidade de Colombo que contrariam uma imagem racionalista, usando as suas viagens como *locus* de reflexão sobre a vida e o homem. Todorov revelou características de um mundo fantasmagórico nas cartas de Colombo, com a presença de criaturas e monstros, diferenciando-se do discurso vespucciano, puramente humano (TODOROV, 1991, p.152). Não se sabe se as inverossimilhanças e os “fantasmas” encontrados nas cartas de Colombo teriam motivado e renovado os propósitos de sua viagem, mas fato é que parecem ter fundamentado algumas reflexões de Leopardi – acredita-se que ele tenha lido com vivaz interesse as cartas do viajante genovês. A visão de uma natureza humana misteriosa, que oscila entre o racional e a intuição, permitiu a Leopardi (re)compor um personagem histórico sob novas vestes.

COLOMBO. Parlando schiettamente, e come si può con persona amica e segreta, confesso che sono entrato un po' in forse: tanto più che nel viaggio parecchi segni che mi avevano dato speranza grande, mi sono riusciti vani (...) (LEOPARDI, 1989, p.187, grifo próprio)

Sono entrato un po “in forse”. A frase dita por Cristóvão Colombo a Gutierrez vai de encontro à meta fixa, às pesquisas métricas, à certeza matematicamente calculada de encontrar... a Índia, talvez³. Os “signos” contrariavam seus cálculos e reforçavam sua crença vacilante: “potrebbe essere che mi riuscisse anche vana la congettura principale, cioè dell’avere a trovar terra di là dell’Oceano” (LEOPARDI, 1989, p. 187).

¹ É importante ressaltar que o diálogo nas *Operette* teatraliza (de fato o diálogo é a principal forma de criação do teatro) uma reflexão intelectual de Leopardi, personificando-a. O autor se coloca nas vestes de importantes personagens, alguns históricos, modificando mesmo a forma como se apresentam, a fim de exprimir seus argumentos sobre dado assunto. Cristóvão Colombo, como veremos no estudo, adquiriu neste diálogo personalidade bastante controversa se comparada aos relatos históricos.

² Lembremos que Cristóvão Colombo também foi personagem presente anos antes da escrita das *Operette* no poema *Ad Angelo Mai quand’ebbe trovato i libri di Cicerone della Repubblica*, de 1820.

³ Em momento algum do diálogo Leopardi faz menção ao lugar a ser alcançado pela viagem, reforçando a idéia de que o poeta italiano interessava-se tão-somente pela discussão sobre o percurso e sobre as transformações que a experiência da viagem – imaginativa, intuitiva – era capaz de realizar.

A fé no julgamento e nos propósitos do homem é questionada por Colombo, que começa a duvidar – do projeto, dos sinais, da Razão, tudo lhe parece vão e incerto, sem chão algum sobre o qual se consolidar.

A descoberta do Novo Mundo por Colombo representou um momento chave de transição de eras e o navegador do texto de Leopardi sabia da importância das transformações que se sucederiam. Por isso, o autor italiano escolheu retomar um relato de caráter mítico ao invés de histórico, colocando em cheque a relação entre o feito heroico e o humano. “Talvez”, a palavra que mais concretamente expressa a dúvida de Colombo, não aponta para o fim da jornada, mas mostra, contrariamente, a superação de um nível lógico-racional, abrindo as portas para uma dimensão tomada pela imaginação: “Se este rio não sai do paraíso terreal... Todavia, creio firmemente, no fundo do meu coração, que esse lugar de que falo é o paraíso terreal”, disse o Colombo histórico (TODOROV, 1991, p. 152). As suas certezas sobre o paraíso terreal e tudo que o circundava, passavam, decretou o navegador, por seu coração. Era ele que assegurava cada intuição, cada pensamento, solidificando-os não em certezas de concretude matemática, mas de concretude humana e imaginativa. É nesta “lógica” que a dimensão do *oltre* do pensamento leopardiano se insere: além do mar, a terra; além dos sentidos, a imaginação; além da certeza, a dúvida; além do tédio, a felicidade; além do habitual, o fantástico – há sempre algo *além* do horizonte dos olhos humanos, que só pode ser atingido pela imaginação, única faculdade humana capaz de compreender e alcançar o *infinito*.

De fato, o diálogo entre Colombo e Gutierrez é composto de palavras que confirmam o tom hesitante do discurso (mas não por esse motivo menos válido ou confiável): o desconhecido (*ignoto*), a dúvida (*dubitare*), o tédio (*noia*), o engano (*ingannato*), a fantasia (*fantasticare*), a especulação (*speculativo*) apontavam para algo além do conhecido e do seguro; apontavam, sobretudo, para novas possibilidades discursivas, literárias. Assim, estar em comunhão com a imaginação liberava o homem da *noia* de uma vida regulada e previsível; o *ignoto* aguçava a curiosidade pelo Outro, do qual Colombo também queria fazer parte⁴ – o desconhecido não é mais aquele que não reconheço, mas por meio do qual percebo o estranho como familiar. *Fantasticare* e *speculare* promoviam a união entre reflexão (com a nítida presença da faculdade intelectual) e

⁴ “(...) non sarebbe contrario alla verisimilitudine l'immaginare che le cose del mondo ignoto, o tutte o in parte, fossero meravigliose e strane a rispetto nostro” (LEOPARDI, 1989, p. 188).

imaginação. Leopardi transforma um Ulisses “incapace affatto di passioni, privo affatto d’illusioni, tutto ragione, austerissimo ne’ costumi, nelle azioni (...) nelle massime di morale (...) grave, malinconico, e quasi tristo e accigliato” (LEOPARDI, 2001, p. 683, fragm. 3601) em um Colombo hesitante, enriquecido pela dúvida e pela imaginação, que o levam ao questionamento da própria viagem, dando ênfase à totalidade de sua experiência.

Che vuol dire uno stato libero da incertezza e pericolo? (...) Io non voglio ricordare la gloria e l’utilità che riporteremo, succedendo l’impresa in modo conforme alla speranza. Quando altro frutto non ci venga da questa navigazione, a me pare che ella ci sia profittevolissima in quanto che per un tempo essa ci tiene liberi dalla noia, ci fa cara la vita (...) (LEOPARDI, 1989, p. 189)

A finalidade da viagem muda radicalmente diante da incerteza do alcance de sua meta. A chegada em algum lugar físico, geográfico, não é, para o Colombo de Leopardi, o limite do descobrimento. No trecho do diálogo com Gutierrez, mostrava maior interesse pelo percurso e por sua ação contra o tédio, pois o caminho era portador de felicidade para a vida. A experiência da viagem “ci fa pregevoli molte cose che altrimenti non avremmo in considerazione” (LEOPARDI, 1989, p.189); o desconhecido e o inesperado tornam-se elementos essenciais para uma viagem bem-sucedida no campo intelectual – é dessa viagem que trata Leopardi, aquela que coloca o homem no seu momento de *krisis*, de ruptura. Pietro Boitani trata da sombra, do rastro que a *libido sciendi* de Ulisses deixou para a humanidade (BOITANI, 2005, p. 24). O desejo de conhecer transformou-se em um peso sem limites, em que se devia experimentar tudo, o todo, mas seu efeito só trouxe incompreensão e incompletude, criando desarmonia entre corpo e desejo, que jamais se sentiram devidamente saciados. Passou-se a buscar tudo, qualquer coisa, a todo o momento, sem o estabelecimento de critério algum, e sem nunca conseguir encontrar, finalmente, o preenchimento, a justa medida. Leopardi reverte a dinâmica da viagem e a apresenta como prática errante, na qual o protagonista é o viajante na sua relação com “os descobrimentos” sobre si próprio e não mais com a meta da viagem em si.

Na sua análise do Ulisses de Dante, Boitani levanta importante questão que também está nitidamente presente no diálogo dos viajantes de Leopardi: a fuga do tédio e o encontro com a felicidade trazem à tona e colocam como centro da interpretação do texto leopardiano o problema do homem na sua relação com a felicidade e o conhecimento (BOITANI, 2005, p. 22). A exigência do ser ou não ser, de escolher entre ilusão e realidade, razão ou imaginação remonta à fala do Ulisses dantesco – “sanza

spreme vivemo in disio”. Leopardi sabia que o homem vivia no desejo sem esperança e lança mão da experiência da viagem histórica de Colombo para escapar da sombra da *libido sciendi* de Ulisses, realizando uma profunda transformação no propósito da viagem. O homem prisioneiro de seus desejos e de sua razão dominadora dá lugar ao homem livre para imaginar e viver o desconhecido, este agora visto como possibilidade de deleite, de felicidade.

“Ciascuna navigazione è, per giudizio mio, quasi un salto dalla rupe di Leucade; procedendo le medesime utilità, ma più durevoli che quello non produrrebbe; al quale, per questo conto, ella è superiore assai” (LEOPARDI, 1989, p. 189-90). Havia a crença de que saltando do rochedo de Lêucade, citado no diálogo, os amantes se libertavam de um amor não correspondido. Esta prática teve origem, diz a lenda, em sacrifícios feitos a Apolo, no quais se precipitava do rochedo um criminoso. A morte do amante ou do criminoso não era certa, muitos conseguiam sair vivos do salto de Lêucade, mas era impossível prever o que aconteceria ao sacrificado (pelo crime ou pelo amor não correspondido). Poder-se-ia relacionar o trecho de Leopardi com o vazio sentido pelo amante não correspondido e do navegador em busca de terra, que só era preenchido durante o salto (e não em sua conclusão, vale lembrar) e com a experiência da viagem, respectivamente. Ambos representam a “viagem” como o momento de reflexão sobre o próprio sentido que os levou à atividade de amar e de navegar: o estado incerto e arriscado de suas atividades era o alívio para o tédio e para a miséria da condição humana. Sem saber se o salto terminaria em morte e se a viagem atingiria sua meta, restava-lhes, ao sacrificado e ao viajante, o deleite da experiência, nada mais. A navegação, diz Colombo, em contraste com o salto para morte, provocava efeitos mais prolongados, pois permitia ao homem experimentar por mais tempo o prazer da mudança proporcionada pelo desapego ao limite, ao alvo, ao heroísmo.

O Colombo de Leopardi é decisivamente, por todas as características apresentadas, um personagem moderno, que perde a heroicidade para afirmar a necessidade de mudança, largando o velho e agarrando o novo, trocando o conhecido pelo desconhecido, o limitado pelo ilimitado. A sua viagem estabelece um novo paradigma: alija o escopo racionalmente determinado em busca de uma meta para se lançar em uma viagem indeterminada e vaga. Ao comentário de Gutierrez sobre a *especulação* de terras por Colombo (nota-se que ele não fala de certezas, mas de indagações), este lhe responde:

*Io per me, se bene non mi ardisco più di promettermelo sicuramente, con-
tuttucìo spererei che fossimo per goderla presto. Da certi giorni in qua, lo
scandaglio, come sai, tocca fondo; e la qualità di quella materia che gli vien
dietro, mi pare indizio buono. Verso sera, le nuvole intorno al sole, mi dimos-
trano d'altra forma e di altro colore da quelle dei giorni innanzi. L'aria, come
puoi sentire, è fatta un poco più dolce e più tiepida di prima. Il vento non cor-
re più, come per l'addietro, così pieno, nè così diritto, nè costante; ma piut-
tosto incerto, e vario, e come fosse interrotto da qualche intropo. Aggiungi
quella canna che andava in sul mare a galla, e mostra essete tagliata di poco;
e quel ramicello di albero con quelle coccole rosse e fresche. Anche gli stormi
degli uccelli, benchè mi hanno ingannato altra volta, nondimeno ora sono
tanti che passano, e così grandi; e moltiplicano talmente di giorno in giorno;
che penso vi si possa fare qualche fondamento (...) Insomma tutti questi segni
raccolti insieme, per molto che io voglia essere diffidente, mi tengono pure in
aspettativa grande e buona. (LEOPARDI, 1989, p. 190-191)*

O verbo no condicional, *spererei*, manifesta uma dúvida e um de-
sejo, a possibilidade de realização de uma ação, mas nunca uma convic-
ção, uma certeza. Da resposta de Colombo, retiramos apenas intuições e
sua evidente relação com a natureza: o navegador lia com os seus senti-
dos todos os signos (*segni*) que a natureza lhe enviara – nuvens, sol, ven-
to, um pedaço de cana, um galho de árvore, pássaros, todos poeticamente
descritos no seu movimento natural, que indicavam, pela sofisticada in-
terpretação de Colombo, que haveriam de encontrar terras novas – e mo-
dernas. Aqui, o viajante iguala-se ao poeta, pois compartilham a mesma
ótica da viagem: escrever e viajar tornam-se pesquisa sobre a vida e o
homem – “viaggiando si cercano le cose rare”, diz Giacomo Leopardi no
mesmo livro, em *Detti memorabili di Filippo Ottonieri*” (1989, p. 184).
No *Zibaldone di Pensieri*, em 16 de agosto de 1820, Leopardi, recupe-
rando essa mesma assertiva, diz: “Noi altri viaggiatori cerchiamo le ra-
rità” (LEOPARDI, 2001, p. 74, fragm. 212). Raro é aquilo que não é
abundante, que não é comum, que não é frequente, mas que se apresenta
como extraordinário, excêntrico e extravagante. Leopardi, por meio de
seu Colombo, acenava para uma viagem extraordinária que só a imagina-
ção é capaz de proporcionar. Esta torna-se personagem concreta, compa-
nhreira do poeta-viajante, permitindo-lhe criar e recriar por meio da lin-
guagem um percurso que se mostrou mais sedutor e envolvente do que a
viagem histórica “real” – permitiu que a viagem fosse interminável, en-
quanto houvesse imaginação, haveria terras a desbravar por Colombo. A
imaginação é, para Leopardi, a visão sem limites, que os olhos humanos
não podem acompanhar, e única capaz de penetrar no *ignoto* sem reser-
vas ou metas preestabelecidas. Quanto mais longe a imaginação levar,
mais incerta será a viagem, e mais poética ela se mostrará.

Giacomo Leopardi apresenta em seu diálogo um novo ato de pensamento, uma filosofia, na qual o poder da imaginação substitui o caos e o tédio do real, recompondo-o em uma escritura poética, imaginativa, logo, possível. O testemunho de Colombo, um viajante, está na sua vivência errante, não quer verificar ou conhecer, mas imaginar o desconhecido, para permitir no percurso da viagem a renovação da esperança na própria viagem. Nos termos de Todorov, nem *verdade-adequação*, nem *verdade-desvendamento*: o Colombo de Leopardi apresenta a viagem como vivência, experiência do percurso, que se finda na própria experiência da dúvida, renovada a cada légua percorrida, confirmando-se sempre em um infundável *oltre*. O deleite está em não se chegar a lugar físico algum, mas viver uma viagem interminável

– *Una faccenda noiosa o penosa, un viaggio ec., quando è sulla fine, riesce più molesto che mai, le ultime miglia paiono le più lunghe ec., non già perché l'uomo allora è più stanco, ma perché l'impazienza si accresce per quella smania di arrivare, che nasce dal vedere il termine da vicino* (LEOPARDI, 2001, p. 929, fragm. 4412).

A viagem histórica, logicamente construída, dá lugar, em *Operette morali*, a percepções momentâneas que, substituindo a razão, compõem uma faculdade intelectual movida pela imaginação. Para Leopardi, a viagem de escopo determinado transforma-se em uma insistente pergunta – o diálogo entre Colombo e Gutierrez é, de fato, uma reunião de indícios sensíveis que comprovam uma possibilidade – e não a certeza – de terras novas a vista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOITANI, Piero. Naufrágio: interpretação e alteridade. In: _____. *A sombra de Ulisses*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p.15-30.

COLOMBO, Cristóvão. *Diários da descoberta da América*. As quatro viagens e o testamento. Porto Alegre: L&PM, 1998.

LEOPARDI, Giacomo. *Operette morali*. Milano: Oscar Mondadori, 1989.

_____. *Pensieri di varia filosofia e di bella letteratura* ou *Zibaldone di Pensieri*. Firenze: Le Monnier, 2001.

PIERANGELI, Fabio. I secoli d'oro del viaggio e gli spazi dell'immaginazione. Dal Settecento dal Novecento. In: ____; PACELLI,

Laura; PAPI, Maria Francesca. *Il viaggio nei classici italiani. Storia ed evoluzione di un tema letterario*. Milano: Le Monnier, 2011, p. 83-107.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Romantismo: uma questão alemã*. Trad. de Rita Rios. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

TODOROV, Tzvetan. Ficções e verdades e Post-scriptum: a verdade das interpretações. In: _____. *As morais da história*. Portugal: Publicações Europa-América, 1991, p. 125-161 e 162-169.